

Cultura juvenil, cultura do consumo: representações midiáticas e percepção de si

Profa Dra Rose de Melo Rocha¹

Profa Dra Josimey Costa da Silva²

Resumo

O presente artigo apresenta uma articulação de reflexões que consideram o consumo simbólico como referência de uma epistemologia dos processos comunicacionais/midiáticos³. Esse consumo apresenta implicações em processos materiais e produtivos, e se constitui também como regime afetual, dinâmica estésica e estética de produção de sentido vinculado a dimensões simbólicas, ideológicas. Seu estudo é apoiado em investigações teórico-multimetodológicas que enfocam produtos midiáticos e práticas de consumo cultural relevantes nos processos de subjetivação de jovens urbanos tanto pela reprodução de padrões como pela criação de novas formas de apropriação de bens simbólicos⁴. As representações que a mídia faz dos jovens urbanos contemporâneos resultam em percepções de si por parte desses jovens que tanto confirmam quando contradizem tais representações.

Palavras-chave

Comunicação; consumo; imagem; corpo; juventude.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP), com pós-doutorado em Ciências Sociais/Antropologia (PUCSP), é professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP, onde desenvolve a pesquisa “Imagens limiáres e visibilidades juvenis: por uma imagética do consumo”. Na PUCSP, participa da pesquisa internacional “Jovens Urbanos”. Tem várias publicações e ativa participação em congressos da área.

² Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP, é docente pela UFRN no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e no Curso de Comunicação Social, além de membro dos Grupo de Pesquisas Gemini – Análise e Pesquisa em Cultura, Processos e Produtos Midiáticos, GRECOM – Grupo de Pesquisas da Complexidade e CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Tem diversos artigos e capítulos de livros publicados, além de co-organização do livro “Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação” (Sulinas, 2003) e da autoria, com parceiros, do livro “Brasil em tela. Revolta e incivilidades contemporâneas” (no prelo para 2008 pela Editora Sulina).

³ As reflexões são resultado das pesquisas “Imagens limiáres e visibilidades juvenis: imagética do consumo”, sediada na ESPM/SP sob a coordenação da Profa. Rose Rocha, e “Imagens de presença e de ausência: sentidos midiáticos da subjetividade juvenil”, sediada na UFRN sob a coordenação da Profa. Josimey Costa da Silva.

⁴ Destaca-se, em especial, a apresentação de *papers* em parceria na última edição do NP Comunicação e Culturas Urbanas e em encontros regionais e nacionais em 2006 e 2007. Ressalta-se, ainda, a inserção de Josimey Costa da Silva na etapa inicial da pesquisa internacional “Jovens Urbanos: Concepções de Vida e Morte”, coordenada por Silvia Borelli e por Rose de Melo Rocha na PUC/SP. Originalmente intitulada “Concepciones de vida y muerte en jovens urbanos”, esta pesquisa foi desenvolvida (2002-2004) por meio de convênio de cooperação internacional (PUCSP/Universidad Central de Bogotá) e contou com o auxílio pesquisa da FAPESP. A pesquisa prosseguiu numa etapa posterior (2005-2006). No momento atual (2008), a pesquisa propõe analisar em cooperação com a Universidad de Manizales, Colômbia intervenções culturais de jovens urbanos, como *locus* privilegiado de ações políticas e de cidadania. O *corpus* de pesquisa está constituído por ações culturais capitaneadas por grupos/coletivos juvenis com perfis auto-organizativos, auto-gestionários e extra-institucionais que atuam em São Paulo, nas regiões sul e oeste. A coordenação é de Silvia Borelli, Rose de Melo Rocha e Rita Alves Oliveira junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUCSP.

Introdução

O presente artigo apóia-se sobre uma noção de fabricação cultural juvenil vista não como criação de produtos, mas como formação de imaginários e constituição de comportamentos. Tal fabricação é pensada a partir de uma perspectiva pendular, que considera dois cenários extremos para investigação e apresentação de modos de agir partilhados e percepções de si: um que reflete a representação e o consumo midiático como fundamentais para a instituição subjetiva de liames culturais e para a vinculação afetiva e socializadora; e outro que, contrária e complementarmente, dispõe sobre a ruptura de laços pela incorporação da violência como articulador simbólico do comportamento juvenil.

A perspectiva pendular também está estruturada em torno de um cenário empírico de caráter multimetodológico, articulado a etnografias do consumo, desde o qual se percebem, a partir de estudo de caso específico, as conflituosas e profícuas relações entre mídia, consumo, corpo e percepção de si; e de um cenário reflexivo e epistemológico desde o qual se pensa o consumo a partir de práticas, estruturas e processos comunicacionais/midiáticos **perpassados pela experimentação da violência**, constituindo regimes de ordem afetual, discursiva e cultural.

Na primeira parte deste texto, revela-se a investida etnográfica de Silva. Na segunda, destaca-se o panorama conceitual proposto por Rocha. Dialogicamente, as duas trajetórias reflexivas pretendem contribuir para a análise dos complexos fluxos comunicacionais articulados por dinâmicas contemporâneas de consumo. Outra preocupação de igual peso é investigar a demarcação que a cultura e as redes midiáticas imprimem às práticas de consumo, tanto em suas estratégias de produção mas, sobretudo, no modo como são percebidos, apropriados e narrados seus impactos por parte dos próprios consumidores.

A (perspectiva de Rocha)...

A pesquisa *Imagens de presença e de ausência: sentidos midiáticos da subjetividade juvenil*⁵ busca estabelecer relações entre consumo cultural e constituição da subjetividade de jovens de 15 a 24 anos em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Expressões dessa subjetividade nas descrições do cotidiano, do estilo de apresentação

⁵ Coleta e análise de dados realizada de julho de 2006 a julho de 2007, com interpretações em andamento. Financiamento local pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista PIBIC/Propeg: Thiago Tavares das Neves; estudantes participantes: Priscila Adélia Pontes e Ana Carmem do Nascimento. A coleta de dados contou também com a colaboração de Patrícia Góes Britto e Carlos Nathan Sousa.

visual e das preferências de lazer indicam que a imagem dos pais, o consumo simbólico, a mídia eletrônica e a Internet são referências importantes na adoção de comportamentos partilhados. Estes, descritos, observados ou representados pela mídia permitem perceber traços ao mesmo tempo singulares e universais de uma cultura juvenil complexa e ambivalente por natureza, e também definidora de percepções de si por parte dos jovens que a compartilham.

Mídia, fabricação cultural e percepção de si

Para compreender a complexidade dos jovens contemporâneos, é necessário pensar a cultura midiática como essencial na formação de suas subjetividades. A cultura, entendida como corpo complexo de normas, símbolos, imagens constitutivas da subjetividade (Morin, 1986), se expressa também por meio dos comportamentos dos indivíduos. Para Canevacci,

“o conceito de cultura como algo global e unificado, complexo e identitário, que elabora leis universais, dissolveu-se seja debaixo dos golpes da nova antropologia crítica, seja, ainda antes, pela difusão dos fragmentos parciais que não aspiram mais a ser unificados, mas que reivindicam, vivem e praticam parcialidades extremas, irreduzíveis diferenças” (2005: 18).

Os jovens constituem uma parte essencial dessa cultura fragmentada, parcelada. Sua participação se define pelo consumo simbólico como fabricação de sentidos atravessados por fluxos vinculados à economia, à política e ao imaginário. Isso cria também novas sensibilidades plurais e nomadismos que refletem as determinações da vida urbana e os arcaísmos do *anthropos*, do homem universal cuja linguagem é áudio-visual, formando jovens ambivalentes e complexos. Ao invés de universos juvenis, há “pluriversos” (Canevacci, 2005: 19). Abordar a juventude dessa maneira requer integrar diversos modos de pensar, incluindo as aparentes contradições internas, as desordens e antagonismos, que se tornam complementares.

A juventude e a juvenilização da cultura de massas (Morin, 1986), expressa nos meios da comunicação social, representa jovens que consomem material e simbolicamente, fabricam e são fabricados por imagens que sugerem formas de viver e agir. Jovens estão em revistas, jornais, programas de televisão, propagandas e *outdoors*, seus corpos vendem tudo, e isso acaba por lhes conferir uma corporeidade singular, expressa através da produção e do consumo simbólico. “Escola, mídia e metrópole constituem os três eixos que suportam a constituição moderna do jovem como categoria social” (Canevacci, 2005: 23). Categoria social essa que é formadora de corpos tanto físicos quanto imaginários, tão concretos quão simbólicos, transformados em imagens da percepção ou da não percepção dos jovens de si mesmos.

Investigar a cultura juvenil exige referenciais teóricos e metodológicos complexos. Segundo o princípio hologramático, que admite as partes no todo e o todo nas partes, a cultura juvenil reflete e extrapola as expressões culturais contemporâneas. Há expressões universais e simultaneamente singulares em jovens das culturas mais diversas. Cada jovem é um complexo bioantropológico e biosociocultural, parte que expressa o todo que o contém e que, por sua vez, expressa essa parte, o que exige um aparato conceitual condizente. Assim,

“o método da complexidade pede para pensarmos nos conceitos, sem nunca dá-los por concluídos, para quebrarmos as esferas fechadas, para restabelecemos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade” (MORIN, 2005: 192).

Tendo isso como pressupostos metodológicos e analíticos, é possível perceber que ser jovem em Natal reproduz um ser jovem no Nordeste, embora o natalense seja também um jovem singular que, antes de tudo, exerce o consumo simbólico mantendo os laços afetivos e sociais bem atados. Esta é uma das conclusões apontadas pela aplicação de questionários semi-estruturados com 30 jovens natalenses da amostra aleatória que compõe o recorte empírico da pesquisa “Imagens de presença e de ausência: sentidos midiáticos da subjetividade juvenil”. A sondagem realizada por meio dos questionários constitui o principal fundamento das reflexões que se seguem, embora outras fontes de informação ainda estejam sendo tratadas⁶. A pesquisa também é composta de um dossiê com reportagens, fotografias e notas em colunas dos dois principais jornais diários em circulação na cidade⁷, coletadas durante dois meses (fevereiro e março de 2007). É constituída, ainda, por de um banco de imagem de jovens como resultado da observação etnográfica em locais de fluxo juvenil, realizada em março de 2007, e por uma amostra de revistas de circulação nacional destinadas ao público juvenil.

Com os questionários, foram apresentadas aos jovens indagações sobre percepção da juventude, moratória social, violência, cotidiano e consumo cultural. Dessas questões, estão destacados neste texto os seguintes aspectos: atividades cotidianas mais frequentes, estudo, trabalho e lazer; consumo de TV, livros, jornais, revistas, gibis, música, Internet, *videogame*; estilo, roupas, interferências corporais, ídolos e influências sobre o comportamento.

⁶ A sistematização dos dados deste texto contou com a colaboração de Thiago Tavares das Neves, Ana Carmem do Nascimento e Priscila Adélia Pontes.

⁷ Diário de Natal e Tribuna do Norte.

Os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários indicam que os jovens entrevistados dão grande importância à convivência, mas consomem largamente programas de TV e jogos eletrônicos, além de se espelharem, sem reconhecer o fato, em estilos de apresentação visual caracterizadamente difundidos pela mídia. Entre os entrevistados, que foram selecionados nos locais de fluxo⁸, poucos trabalham na faixa etária compreendida entre 15 e 24 anos, o que reforça a reflexão de Canevacci sobre o papel central que o consumo adquire na faixa juvenil, depois ampliado para toda a sociedade. Essa disseminação geral do consumo produz e resulta em uma mídia-cultura, expressa e veiculada pelos meios da comunicação social. Nela, “o jovem consome – o adulto produz” (Canevacci, 2005: 23).

Mesmo com muito do seu comportamento definidos pelo consumo, a maioria dos entrevistados têm no pai o principal ídolo, sendo Jesus a segunda referência mais citada. Também tiveram destaque cantores e bandas de forró, *pop rock*, *axé music* e MPB. Alguns jovens afirmaram que professores e atletas são seus ídolos. O lazer diário é preferencialmente fruído em casa, e a maior parte das atividades citadas nesse grupo corresponde a ouvir música pelo rádio ou em CD. Outra atividade cotidiana de entretenimento é assistir televisão, e a metade dos entrevistados joga *videogame*. Mesmo que 63% dos jovens afirmem ler livros, revistas e jornais, 73% não citaram um nome sequer de gibi, o que revela um comportamento divergente em relação ao senso comum sobre o consumo cultural em capitais, onde a leitura de gibis é vista como típica das culturas juvenis.

Demonstrando a importância da escola como eixo da experiência juvenil associado às relações interpessoais, 90% dos estudantes entrevistados informaram gostar de ir ao colégio ou à universidade pelo fato de poder conversar com os amigos e/ou conhecer pessoas novas. O estudo não é prioridade fora do horário escolar. Entre os que trabalham – apenas cinco do universo de 30 entrevistados de diferentes níveis de poder aquisitivo e origem social – conversar e se relacionar com os outros continua sendo o principal motivo de apreço. As três atividades de diversão mais citadas foram, respectivamente: sair com amigos, ouvir música e ir à festas/*shows*. 70% dos entrevistados costumam fazer atividades de lazer e diversão com as famílias, sendo almoço e/ou jantar as mais frequentes. Conversar é a atividade preferida quando estão

⁸ Os questionários foram aplicados com jovens universitários de instituições públicas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte), e de empresas privadas (Universidade Potiguar e Facex), e com estudantes secundaristas na Praça Cívica, no centro da cidade, e no *shopping center* Midway Mall.

com amigos, e isso se repete inclusive de forma mediada: 83% dos jovens passam o tempo em que estão em casa navegando pela Internet, o que envolve conversas com outros por meio de *chats on line*.

Como em outras cidades brasileiras de médio ou grande porte, em Natal os estilos de vestir são difundidos pelas mídias nacionais e locais, organizando os jovens em “tribos urbanas” (Maffesoli, 2000). Na capital potiguar, existe uma adaptação do vestuário ao clima, como jovens usando mais decotes, camisetas regata, bermudas e sandálias havaianas – *hit* dos *hits*. Alguns elementos, entretanto, são universais, como o preto, que é bastante usado por metaleiros, *punks* e roqueiros. A observação etnográfica realizada durante a pesquisa mostrou que há, entre os jovens entrevistados, uma relativa padronização do vestuário, adereços e estilos de cabelos. Os jovens que freqüentam locais mais caros de fluxo juvenil apresentam um visual com muitas *griffes*, saltos altos, calças *jeans* e *tops* para mulheres; *jeans*, camisetas caras e cabelos curtos para os homens. O estilo rastafári ou roqueiro apareceu em casas noturnas alternativas; nos bairros mais populares, o estilo *funk* era predominante. No entanto, a maioria dos jovens entrevistados afirma identificação com os estilos moderno, esportivo e executivo. Quase metade dos entrevistados não se sente influenciada em relação ao modo de vestir, mas a mesma quantidade se identifica com estilos que são consagrados pela mídia. As modificações corporais também aparecem entre os entrevistados: nove deles já fizeram alguma alteração no corpo, como pintura de cabelo e o uso de brinco ou *piercing*. 40% dos entrevistados gostariam de ter duas ou mais interferências corporais.

A beleza não foi considerada fundamental pela maioria dos entrevistados, o que representa uma disparidade entre a percepção de si e dos outros jovens e a imagem deles apresentada pela mídia⁹. Os jornais Tribuna do Norte e Diário de Natal, assim como as revistas e suplemento jornalístico de circulação nacional analisados como mostra comparativa¹⁰, tendem a apresentá-los em duas categorias distintas: de um lado, estão os jovens de maior poder aquisitivo, apresentados como belos, bem-sucedidos e felizes; de outro, os jovens de baixo poder econômico, que são apresentados como violentos e perigosos para a sociedade. As primeiras imagens são

⁹ Conforme análise do *clipping* feito com os jornais diários em circulação na cidade.

¹⁰ As revistas Trip (nº 153), TPM (nº 63), Atrevida (nº 149), Todateen (nº 135 e 136), Capricho (ed. 912), Caras (ed. 694), Istoé Gente (ed. 390) e o suplemento Folhateen do jornal Folha de São Paulo (de 12/02/07 e 18/03/07) foram analisados.

encontradas em matérias de cultura, comportamento, esporte; as segundas, no noticiário sobre problemas urbanos e acontecimentos policiais.

Violências, mediações e vivências juvenis

Caminharemos neste tópico do artigo por um terreno minado. Expusemos anteriormente, através da realidade investigada em uma cidade litorânea do nordeste brasileiro, como as dinâmicas de consumo, simbólico e midiático, indicam a composição de um forte quadro de vinculação social e o estabelecimento de liames comunicacionais que não confrontam mediações como o grupo de amigos e, o que é significativo, como a base familiar.

Reiterando o conceito de fabricação cultural, se propõe agora a análise de uma realidade limítrofe. Tomando por referência dinâmicas comportamentais e produções imaginárias fundadas em duas metrópoles do sudeste do país – São Paulo, em especial, Rio de Janeiro, mais pontualmente – nos interessa agora problematizar algumas experiências de fratura de laços sociais. E não o fazemos de modo aleatório.

A recorrente associação entre juventude e violência constitui outro imperativo na análise das relações entre cultura juvenil e ambiência midiática no Brasil. Se, na cena digital, dos *blogs* aos *fotologs*, dos sites às comunidades virtuais, pode-se confirmar o protagonismo juvenil na afirmação de si e, igualmente, na construção do outro, a cena massiva tende, hegemonicamente, à construção de representações dicotômicas – a juventude idealizada de um lado, a juventude perversa de outro. Lógica paradoxal, vemos aí se efetivar um imaginário esquizofrênico: a glorificação do ser jovem convive com a demonização de setores e agrupamentos juvenis.

Fazendo um breve recorrido histórico, localiza-se em meados da década de oitenta a configuração de uma nova gramática na ocorrência e percepção dos fenômenos de violência em nosso país. Cartografando esta imagética da insegurança e esta *imagerie* do pânico – pânico de envelhecer, pânico de ser vitimizado por segmentos juvenis – localizamos em sua tessitura um forte caráter comunicacional, evidenciando modos bastante originais e preocupantes de aparecimento e de repercussão da violência. Articulando fatores como aquisição de reconhecimento sócio-cultural e midiático, apelo à afirmação identitária e oferecendo ferramentas para a percepção de si e do outro, indicava ainda a consolidação de uma complexa política de visibilidade.

Este novo regime de ordenação visual e social da violência coincide, no caso brasileiro, com a crescente e intensiva atribuição a segmentos juvenis urbanos –

primordialmente os pobres, negros e marginais, mas também, como alarmantes exceções, os ricos, brancos e rebeldes – de uma suposta condição de protagonistas na prática de atos de violência. A este protagonismo é imputado, invariavelmente, um caráter criminal ou desviante, ao qual se associam potentes sentimentos de insegurança, alarme e pânico.

Para problematizar tais fenômenos e de modo a enfrentar a clara supervalorização e vinculação geracional que a eles se vem atribuindo, com a participação intensa e ostensiva de veículos da imprensa massiva brasileira, recorreremos a alguns aportes conceituais que nos parecem necessários para abordar, desde o ponto de vista das teorias da comunicação, tais complexidades comunicativas. Adotaremos aqui a conceituação “estetização da violência” procurando perceber como isto se configura no contexto nacional, mas também considerando que se trata de fenômenos e de representações fundadas no cruzamento com fluxos globais, característicos das sociedades midiáticas, visuais e discursivas.

Interessa-nos ainda propor que esta estetização da violência interfere na vivência juvenil, tanto na produção e percepção de si, quanto na elaboração de estratégias de reconhecimento ou recusa de alteridades. Estão incluídas como derivações deste eixo reflexivo as significativas apropriações juvenis da linguagem da violência no Brasil, seja adotando-a como referente comportamental, seja para frontalmente rechaçá-la.

Mas existem outros componentes relevantes para a compreensão da pluralidade desse cenário. Efetivamente, a possibilidade de obter visibilidade midiática passou a compor, com expressiva regularidade, a estruturação de episódios de violência criminal. Em sentido complementar, a existência de aparatos de televigilância passa a regular a ação criminal e, em alguns casos, até mesmo as intervenções policiais e as ações punitivas encampadas por cidadãos comuns. A estetização dos atos de violência é outro elemento relevante a ser considerado, seja ao analisarmos a violência em seu acontecer social, seja quando interpretamos sua apropriação pelos meios massivos e por uma miríade de produtos e produções culturais.

A estetização da violência articula-se tanto em termos de interações com a tessitura social, quanto na interseção com o próprio estatuto das imagens. Seus efeitos não se restringem a um, digamos, consumo local. A “carnavalização” – percepção corrente e reiterado estigma frequentemente associado ao Brasil – passa a conviver com o

imaginário do “lugar perigoso”, alimentado pela propagação indiscriminada e espetacular de cenas de violências.

Assim, notamos que no universo da comunicação generalizada a experimentação concreta da violência encontra o outro lado da moeda na superexposição brutal aos mais diversos níveis de violência sônica. Uma das peculiaridades da violência contemporânea é sua excessiva visualização, que nos informa do mundo através do “ouvir ver”, podendo configurar verdadeiras patologias audiovisuais, sádicos voyeurismos capazes de agregar prazer e desresponsabilização. Em outro de seus desdobramentos ela é, ainda, tipicamente exibicionista: literalmente se dá a ver, violência instrumentalizada, publicitária.

O conceito de *mediatização* nos serve aqui para compreender a imbricação da violência manifestada direta e ostensiva na vida cotidiana¹¹ à sua dimensão subjetiva, indireta¹². Na interseção entre o material e o simbólico, a violência manifesta-se como forma de ser, de se comunicar, de apreender e de interpretar tanto o mundo vivido quanto o desejado e idealizado.

Abordando aspectos da articulação entre cultura e violência nas metrópoles brasileiras, investiga-se, como pista analítica central, a noção “linguagem da violência”. Que linguagem é essa? Localizo-a na violência assumindo um caráter pedagógico. A linguagem da violência é uma comunicação potente, explosiva. Catalizando uma consciência limítrofe e uma vivência emergencial referenda-se na suposição de que nada há, de fato, a se esperar do amanhã.

Postula-se que tal linguagem estabelece liames com manifestações sócio-corporais específicas, bem como interações dialógicas com o universo da comunicação massiva, evidenciando a consecução de práticas originais de sensibilidade e sociabilidade. Identifica-se, em outra ponta do iceberg, a releitura e ressignificação desta linguagem, que vêm constituindo significativos canais de ruptura com o ciclo da violência como ato social.

Objetiva-se, com este recorte, contemplar as manifestações da violência em termos de práticas culturais e narrativas imersas no cotidiano e, o próprio objeto, em seu acontecer plurivocal. Avalia-se que a violência compreende atualmente articulações originais de sensibilidades e socialidades, identificando-se, na microscopia cotidiana,

¹¹ Associada a constrangimentos físicos, morais, no uso da força, na coação, na violação da integridade física e psíquica.

¹² Associada a produções imaginárias e com implicações em termos de práticas midiáticas.

em algumas manifestações culturais e na elaboração de discursos analíticos, possíveis canais de perlaboração crítica e reprocessamento cultural da violência como ato social. Pressupõe-se, ademais, a interferência, na percepção e na significação da violência, de uma relação simbiótica entre cenário midiático e sociedade.

A amplificação do sentimento de insegurança resultaria, nestes termos, de uma percepção nebulosa dos reais riscos de vitimização, de uma obsessão egoísta por proteção, estabelecendo um paradoxo: o espaço/tempo urbano, em termos macro, propicia a dessocialização para, microscopicamente, como na coesão grupal baseada na violência, assistir à emergência e cristalização de padrões originais, ainda que indesejados, de sociabilidade.

Analisando a violência contemporânea, Chesnais (1981) vale-se do contraponto "lei da força/força da lei" para argumentar que a violência é a única lei das sociedades sem lei. Tomando o exemplo de Freire Costa (1993), a "cultura da violência", assumindo uma nova feição no Brasil, é aquela que, "no vácuo da lei", "segue regras próprias", tornando a violência um padrão de referência familiar, corriqueiro, cotidiano e implicando, na argumentação do autor, em uma monstruosa simplificação do universo social entre fortes e fracos (Freire Costa, 1993:84-5).

A linguagem da violência, nos termos da simbiose mídia massiva/sociedade, sugere uma ruptura de "laços", como se eles perdessem seu valor simbólico, sua função de integração e identidade reconhecida e partilhada. Penso, neste caso, nos abalos sofridos em termos da vivência corpórea, da relação com o "outro", dos vínculos coletivos, territoriais, políticos.

A comunicação massiva hegemônica oferece como alternativa a essa desintegração um vínculo imaterial, uma coesão apenas suposta, credível, mas, de fato, frágil em seu valor simbólico. São preocupantes os efeitos desta vinculação midiática quando voltada à tematização e visibilização da violência. Afinal, ambas encontram um terreno pernicioso de florescimento ao serem absorvidas no cotidiano urbano, particularmente ao levarmos em consideração contextos macro-sociais.

A estetização da violência também se faz presente no universo das mídias digitais, caracterizadas como participantes de uma cultura propriamente midiática, de divulgação maciça e concepção segmentarizada. Diversas matérias publicadas em periódicos nacionais exploram esta manifestação, assumindo um tom que agrega a denúncia dos episódios de violência à sua transformação em espetáculo. Uma delas nos parece paradigmática desta associação:

Para “dominar” o universo do Comando Vermelho, facção que comanda o crime organizado no Rio de Janeiro, não é preciso subir o morro. Basta ter um computador conectado à WEB e dar alguns cliques para que o internauta entre, ainda que virtualmente, no mundo do crime. Na tela aparecem fuzis, fotos dos morros e suas quadrilhas, reprodução de diálogos com juras de morte aos adversários e links com raps que elogiam traficantes. Há pelo menos 15 endereços desse tipo. Algumas páginas falam da ação dos bandidos e outras são dedicadas aos chamados bondes – grupos que se identificam com os traficantes e brigam com os integrantes de quadrilhas rivais.

No site das favelas de Maria da Graça, pode-se ouvir o *Rap da ronda*: “Alemão, a ronda vai passar por aí / Se botar a cara, tu vai cair / Não precisa nem gritar / O bonde vai te massacrar / O Scooby vem aí de AK (fuzil AK 47).” (Revista *ISTOÉ*, 11/04/2001)

A crescente propagação de imagens da violência, e a valoração que se dá a esta violência visibilizada, reforçam uma dilatação do conceito. A natureza e o formato da comunicação massiva, especialmente aquela referente às produções televisas, não apela à hierarquização nem à contextualização destas visualidades. Assim, frequentemente se atribui a estas imagens um valor relacional, como se cada uma fosse, na verdade, a parte de um quebra-cabeça que, a despeito de seu fracionamento, se apresenta como unidade.

Por outro lado, os diversos fenômenos e abordagens teóricas, incluídos involuntariamente em uma mesma alcunha, são por vezes antagônicos ou excludentes. Cada qual tende a criar sua zona de condensação, o seu buraco negro. Faço referência, aqui, ao caráter monolítico de determinados discursos genéricos sobre, por exemplo, a associação taxativa entre (aumento da) pobreza, criminalidade e violência. Também considero o poder de atração exercido, sobre os discursos de análise da violência, por fenômenos de violência ostensivamente visibilizada.

Esta violência em estado de presentificação, este *show* de urgência radical, permite que se experimentem as imagens da violência como materialidades, como acontecimento virtualmente tangível. A violência vista é vivida como real, real credível, *aproximação* na *simulação*. Buscando precisar esta leitura, Gérard Imbert (1994) postula que a violência está hoje envolvida por esta estratégia de visibilização. O regime descrito por Imbert é aquele no qual a coação é substituída pela sedução, onde os aparelhos de Estado dão lugar aos aparelhos de representação (os *mass media*). Instaure-se, portanto, uma iconização do discurso social, uma “imagineria” composta por duas vertentes, a imagem e o imaginário: “a violência (...) se espetaculariza até o ponto em que se pode tornar difícil separar a violência real da violência representada” (Imbert, 1994:201).

Muito jovens, muito violentos: imaginários de terror e de desesperança

Contudo, a autonomização da violência mesclando-se à falta de perspectivas e à atuação da criminalidade organizada tem interferido de modo flagrante em discursos e comportamentos juvenis. Segundo o relato de Zaluar (1994), que depura, aos olhos do leitor, uma miríade de nuances da percepção e da prática da violência em um conjunto habitacional da periferia carioca¹³, os jovens, por motivos prosaicos, vêem-se diante de "uma engrenagem que eles não controlam":

a engrenagem das quadrilhas de traficantes de tóxicos e da polícia, que toma cada vez mais a feição de crime organizado. A razão inicial pode ser o roubo ou humilhação sofridos por um jovem a caminho do trabalho e que tem a desventura de topar com um bandido de outro território. Ou uma briga por causa de mulher (Zaluar, 1994:21-2).

Preocupando-se com o efeito devastador do crime organizado nas práticas sócio-corporais e na identidade destes jovens, Zaluar detecta, nas quadrilhas, uma poderosa função de socialização, cuja coesão e perenidade é garantida pelo "uso manifesto e constante da violência" (Zaluar, 1994:77). O caráter ordenador da violência revela-se, ainda, na sua constituição como base interpretativa dos agentes, "pensada em torno do poder advindo da posse ou uso da arma de fogo" (1994:76).

O "saber somático", concepção forjada pelo antropólogo francês Lóïc Wacquant pode ser transposta para a análise de possíveis implicações da linguagem da violência em termos da socialidade e sensibilidade juvenis. Afinal, como por sua vez lembra Laurette Wittner (1992), analisando a violência simbólica e física nas *banlieues* parisienses "a imagem da violência cola à pele", "ensinando aos jovens a linguagem que eles têm de utilizar para existir". A violência como modo de expressão, continua a autora, está de par com a midiática, aparecendo, para membros de grupos excluídos, como uma das formas mais imediatas de obter atenção.

No caso brasileiro, a violência pode ainda se associar ao prazer e ao consumo, construindo, na interseção com o universo midiático e com aquele da criminalidade, a glória intensa e fugaz detectada pelo escritor Zuenir Ventura (1994), a busca e a utilização de signos de vitória e projeção. O fascínio da visibilidade e do reconhecimento — ancorado no estrelato midiático ou na força bruta da ação criminal — cria um inusitado *barômetro do sucesso*, material e simbólico: *ter* e *poder* (poder ter, poder fazer, poder falar, poder aparecer).

¹³ Em Cidade de Deus, zona oeste da cidade do Rio, cenário e referência de recente filme brasileiro conhecido internacionalmente. Nesse mesmo local, um cinegrafista amador registrou cena de violência policial, divulgada em redes de tevê em abril de 97, que provocou forte comoção social.

Das manifestações de agressão cega às práticas autodestrutivas, a violência multiplica sua face, ambíguo espelho identitário que referenda a ação. Não mais o reverso do controle, mas a eclosão anômala de sua própria condição de incerteza. O plástico filme da segurança máxima emperra nas engrenagens do projetor. E neste ponto ele queima. Mais do que uma banalização da violência, fenômenos ocorridos recentemente no Brasil ilustram como estratégias de autodefesa podem encampar um perverso "esporte" de agressão gratuita encampado por setores juvenis, com a flagrante ultrapassagem de fronteiras de classe.

O caso dos "beiseboys"¹⁴ é apenas um entre tantas das singulares manifestações da "autonomização" da violência na cultura jovem. Utilizando tacos de beisebol como "arma branca" na resolução de conflitos — de uma briga de trânsito até as desavenças estritamente pessoais —, todos os entrevistados são unânimes em justificar seu uso com o apelo à defesa pessoal.

Em documentários sobre o movimento *funk* na cidade do Rio de Janeiro, veiculados em princípio da década de 90, chama atenção a constante referência dos entrevistados à morte, pontuada pelo riso e pela afirmação de virilidade. Dos enfrentamentos simbólicos aos conflitos com seguranças, da provocação coreografada ao acerto de contas armado na saída dos bailes, a linguagem da violência está ali, engendrando um frágil destemor, signos distintivos adotados por uma massa de "ejetados" do fluxo urbano, que explode, aqui e ali, na forma de autodestruição. No êxtase da afirmação de potência individual, a ritualização alucinatória do corpo do "outro" e, igualmente, a desclassificação coletiva da vida: "— Quem vai ao baile tem consciência do risco que corre, tem de estar preparado pra morrer... e a mulherada gosta dos caras destemidos, por quê você acha que o bandidão tem as garotas mais bonitas do pedaço?", era algo assim o que dizia, sorridente, um dos jovens entrevistados.

O mesmo desejo de desafiar a morte, de testar ao extremo seus limites é compartilhado por jovens de diferentes vinculações sociais: é a prática dos chamados *rachas*, forma selvagem, estilizada e empobrecida dos esportes radicais, das corridas de Fórmula 1. Em outros cantos da cidade, adolescentes moradores de condomínios fechados de alto padrão envolvem-se em acidentes de carro, em atropelamentos, colecionam acusações de vandalismo. Em um destes casos, garotos entre 13 e 17 anos foram acusados de espancar o faxineiro do condomínio quando este tentava tirar o *skate* de um deles, de

¹⁴ Documentado no caderno *Folhateen* do jornal *Folha de S. Paulo*, em 24 de julho de 1995.

uso proibido na garagem do prédio. Outro episódio que veio a público é o do grupo de adolescentes que, numa sucessão de "brincadeiras violentas", teria causado o incêndio do apartamento do zelador de um condomínio vertical.

As fugas cinematográficas protagonizadas pelo jovem assaltante Leonardo Pareja¹⁵ também ilustram uma das lamentáveis faces do desejo de sucesso e perigo desfrutado em um intenso e contínuo presente, melhor ainda se propagado *ad infinitum* por registros midiáticos. A intensidade do vivido parece, em casos como este, superar a percepção da extensão e das consequências do delito.

Relatos de jovens de classe média envolvidos em ações criminosas tendem igualmente a retratar esta união entre banalização do delito e gosto pelo risco. Em um destes casos, o envolvido dizia ter participado de assaltos "por curiosidade", "para ver como era a sensação do perigo". Outro jovem, preso por participação em um assassinato, declarava ter matado por "bobeira". Um adolescente de 17 anos, filho de uma comerciante, afirmava ter passado a furtar "para poder me vestir melhor". Como dizia Pareja, diante do espelho narcíseo das câmeras de tevê, "roubava pelo gosto da emoção. E também porque queria ter dinheiro, não suportava ficar sem dinheiro para viajar, comer bem, ir ao cinema".

Não por acaso, as praias cariocas foram o palco escolhido para o potente aparecimento dos "arrastões", explosões juvenis de agregação forçada, inclusão marcada pela extrema rapidez de movimentação e pela efemeridade, com a ostentação de signos distintivos, de uma identidade cunhada na exclusão, de uma estética própria, invadindo um espaço consagrado ao relaxamento e ao ócio, explicitando que, muitas vezes e para muitos jovens, o limite entre prazer e risco, entre lazer e combate está se tornando por demais tênue.

A movimentação juvenil que tomou de assalto as praias, fazendo delas um enorme *playground* da diversão e das sociabilidades limítrofes, receberia, já em sua primeira grande ocorrência, em 18 de outubro de 1992, um domingo, esta denominação, "arrastão", movida pela similaridade entre a atitude atribuída aos jovens — formando, com seus corpos em movimento, uma rede para supostamente roubar pertences dos banhistas, literalmente arrastando-os, expulsando-os, em pânico, das praias — e a

¹⁵ Este jovem criminoso, articulado, bem-educado e de boa aparência, conquistou, em sua breve "carreira", uma incrível notoriedade, manipulando com excelência seus aparecimentos na mídia. Após arregimentar uma legião de fãs extra-muros, foi morto a tiros no interior do Cepaigo (Centro Penitenciário Agroindustrial de Goiás), em dezembro de 1996.

tradicional atividade dos pescadores¹⁶. A despeito da "criminalização" dos acontecimentos, foram pouquíssimos os roubos comprovados — se é que os houve. Astúcia inesperada, a multidão de jovens exibia-se intencionalmente para as câmeras e, mais ainda, através de um ritual de enfrentamento cujos códigos só eles compartilhavam. Exibiam um poder, um vigor, uma coreografia e uma música que, naquele momento, os telejornais desconheciam. Seu teatro caótico era incompreensível. O enfrentamento codificado e a disputa intergrupal e auto-destrutiva uniam-se, repentinamente, em um só corpo "desafiante". Unidos pela linguagem da velocidade, seguiam juntos na consecução de um desafio maior, da conquista de um alvo que, por vezes, parecia ser a própria velocidade, que lhes permitia avançar sobre o território "estrangeiro" — a praia e a tevê.

O *portrait* de um bárbaro a tempo parcial oferecido por um ex-membro de uma torcida organizada da cidade de São Paulo registra que, no início da década de 90, "as torcidas organizadas perderam qualquer limite para suas ações violentas, porque viram que a chance da impunidade é muito grande". Os "personagens" que dão vida a esta fala são garotos quase felizes com a destruição que promovem, quase despreocupados com as implicações de seus atos. São movidos por uma coragem absoluta que lhes é outorgada pelo pertencimento à torcida, pelo empunhar de sua bandeira, pelo entoar de seu hino, a camisa do time passando de símbolo integrador a escudo que lhes protege do medo.

Este lugar que não me pertence: percepção de si, percepção do outro

A identidade e a alteridade são, de fato, fortes componentes dos afetos juvenis desencadeados pela percepção e experimentação da violência. Na interpretação de Borelli, Rocha e Oliveira (2007), as narrativas de jovens moradores de zonas de

¹⁶ Nos anos de 92 e 93 a referência a uma "onda de arrastões" estava presente em vários veículos da imprensa nacional. Fazia-se referência, neste caso, a ocorrências mais marcadamente criminais ou àquelas que configurassem uma "briga de gangues", ambas esporádicas, localizadas, mas persistentes. Não disponho de dados que permitam aferir a procedência de tal classificação, mas tanto a revisão bibliográfica realizada quanto conversas informais com cariocas levam-me a suspeitar que houvesse, nesta denominação, um forte viés alarmista e generalista. Os episódios que discuto — a movimentação de outubro de 1992 e aquela de outubro de 1993 —, além de originais em termos de seu impacto midiático, posto que houve cobertura ao vivo e destacada inserção no noticiário televisivo, possuem o diferencial de terem se constituído como fenômeno de dimensão coletiva, envolvendo grande número de jovens, agrupados ou não em "galeras". Em 93, a pesquisa realizada permite constatar que não se tratava de uma movimentação com finalidade criminal determinante ou significativa. Mas, neste ano, era clara a consciência do "efeito *media*" que se poderia obter com a manifestação.

contraste social da cidade de São Paulo¹⁷ expressam uma profunda ambigüidade no que diz respeito à classificação da violência em termos dos pólos “*vitimização juvenil/ação juvenil*”. Os jovens abordados, quando convocados a operar tal distinção, tendem a construir modelos explicativos referenciados em uma lógica randômica. Para aqueles que vivem em bairros periféricos, impera um *discurso fatalista*, como recurso angustiado de enfrentar a consciência da associação entre violência e falta de perspectivas existenciais, afetivas e de inserção social.

A pesquisa das autoras brasileiras revela ainda que muitos desses jovens habitantes da região metropolitana, *agregando determinismo e acaso*, lançaram-se em percepções paradoxais, nas quais, apesar da insistência na possibilidade de ação ou reação juvenil, constata-se que nem sempre se mata ou se morre porque efetivamente se deseja, como nem sempre se pratica ou se sofre violência por opção. É ainda bastante comum a experimentação de situações em que *a prática da violência inicia-se “por acaso”*, seja como consequência de “acertos de conta” banais, seja como desdobramento de brincadeiras ou enfrentamentos intergrupais. Referindo-se à *violência criminal*, lógica semelhante – mesclando randomismo e acaso – aparece regularmente nas narrativas, em especial nos jovens da zona sul da cidade, embora, supostamente, ali se encontre, em termos estatísticos, a maior possibilidade de vitimização.

A experimentação da violência e seus impactos na percepção de si e do outro compõem afetos intensos, sendo recorrente para estes jovens a consciência de que a violência, sem sobra de dúvida, pode funcionar como espelho identitário e a criminalidade vincular-se diretamente à *tentativa de garantir o consumo de bens simbólicos*. A “mão que embala o berço” será aquela que, posteriormente, aniquilará o bebê. Se, de início, a figura de criminosos do bairro aparece em regiões de forte exclusão social como referência valorada positivamente, o envolvimento de um jovem com o mundo da criminalidade é invariavelmente apresentado como a entrada em um caminho sem retorno que, por sua vez, reconduz à desagregação.

Agregando diferentes segmentos sociais, o universo do álcool e de drogas ilegais inscreve-se no imaginário e demarca boa parte do cotidiano dos entrevistados. Experiências como estas são associadas a uma “ausência de controle” e à entrada em um campo cíclico, labiríntico, no qual se perde autonomia e provoca-se o sofrimento

¹⁷ Os relatos que se seguem foram levantados na pesquisa “Jovens Urbanos” (Borelli, Oliveira e Rocha, 2007) através de etnografia, questionários e entrevistas em profundidade.

alheio, ainda que de forma involuntária. Isto não impede, contudo, a forte presença destas práticas, em inúmeros momentos do dia e em praticamente todos os locais de encontro juvenil observados.

Justificando esta inserção, as explicações sociais convivem com a identificação de fatores culturais e psicológicos mais sutis, muitos deles indiretamente relacionados à lógica consumista e à sociedade da comunicação, marcadas pelo excesso, pela urgência do viver o “aqui e agora” e pela busca desenfreada de reconhecimento, visibilidade e de um prazer amplo e imediato.

Inseridos, muitas vezes em condição de protagonismo, na cultura da visualização e da transparência, boa parte dos jovens brasileiros rejeitam incisivamente traços comportamentais que lhes pareçam validar preceitos moralistas e tendem a enquadrar na pecha “hipocrisia” um sem número de posturas, falas e atitudes. A defesa das posições assumidas por aqueles que identificam como amigos, “manos” ou “chapas” dá margem à criação de um manual simbólico de regras de conduta aceitáveis, criadas endogenamente, sem a concorrência de padrões externos de crítica. Aqui, a “cultura da rua” parece se tornar um parâmetro possível de engendramento de um potente *locus* identitário.

Obviamente, a violência não é o único fator de coesão nas cidades brasileiras. Também o podem ser a diversão, o lazer, as relações de amizade, o desejo de encontro, as ações culturais, entre tantos outros. Para além do assujeitamento e da afirmação de subjetividades desviantes, outras ações capitaneadas por significativos segmentos juvenis brasileiros evidenciam posturas contestadoras e propositivas de enfrentamento e recusa da inserção ou reiteração do ciclo da violência.

A linguagem da violência é ressignificada, como verdadeiro laboratório simbólico de uma *poiesis* das reminiscências. Rappers brasileiros, como os integrantes do "Câmbio Negro", do "Pavilhão 9", incorporam, em suas canções, o duplo movimento de retomar a palavra e, no campo da cultura, de se "descolar" da engrenagem da violência como ato social, ao menos no que toca a uma participação ativa nesta ação. Aqui, o descolamento não equivale a uma negação da violência vivida, sequer da violência vista. Representada (musicalmente, imagetivamente), ela não é esquecida: é rememorada, mas, igualmente, abstraída. Estetizada, comunica-se como choque, mas, igualmente, dá-se a ver. E, àqueles que a produzem, possibilita uma interessante inversão da sedução voyeurística do “ver-se sendo visto”.

A linguagem da violência, por esta via poética que não elimina a estética do choque, pode funcionar como uma *perlaboração* produtiva da violência real, um revisitar e uma reelaboração de sítios simbólicos e memoriográficos marcados pela obliteração social traumática. Um exemplo sugestivo de tal situação vem-me do grupo paulistano de rap “Racionais MC’s”. Em um de seus discos mais populares e cultuados, “Sobrevivendo no Inferno”, os rappers compõem uma música — “Diário de um Detento” — e, posteriormente, produzem um videoclipe, baseados nos fragmentos do diário de um dos sobreviventes do maior massacre de presidiários ocorrido no Brasil. As reminiscências de um circo de horror vira hit nacional. E, assim, o esquecido, o imageticamente, simbolicamente ocultado, se reinscreve no imaginário ou, mais ainda, na *imagerie*¹⁸ de vários setores do país.

Ratificando desde outra perspectiva esta intenção inclusiva, o DJ Tralha é assim retratado em matéria de um *site* carioca:

Há cerca de seis meses, o DJ Tralha decidiu abrir espaço nas boates de fora da Cidade de Deus, na Zona Oeste carioca. E investiu pesado em versões suaves do funk. Em vez dos *proibições* que fazem sucesso nas comunidades, criou letras falando de paz e amor. Deu tão certo que ele agora toca direto em casas noturnas da endinheirada Barra da Tijuca. Já não há brecha na agenda para aceitar convites para tocar em bailes em favela. (www.vivafavela.com.br).

Na pertinente argumentação de Simone Sá (2008), localizam-se, nas diferentes “entonações” do funk carioca, não apenas a celebração da violência, o reforço a uma demonização da mídia ou a percepção da classe média como a personificação do inimigo. Atuando significativamente na composição desta cena musical e de seus aportes simbólicos, encontram-se elementos inclusivos e pacificadores. Segundo as postulações de Sá (2008),

Inúmeras são as músicas que parecem retomar o espaço das favelas e periferias, de maneira pacífica e harmoniosa, rejeitando o imaginário de violência associado a este território junto à população do Rio de Janeiro e do Brasil e construindo um discurso “consciente”, que prega a paz e valoriza e se orgulha da própria comunidade – em músicas com títulos tais como *Rap da Cidade de Deus* de Cidinho e Doca, (que obviamente refere-se ao bairro/favela da cidade com este nome); o *Endereço dos bailes*, de Junior e Leonardo (que enumera as belezas da cidade e emenda com a lista dos bailes cariocas), o *Rap das Galeras*, de Manão e Neguinho (que bate o recorde do gênero, listando 66 comunidades); o *Rap do Abc*, também de Junior e Leonardo, entre tantos outros. (Sá, 2008).

¹⁸ Compreendida tanto como imaginário composto de representações imagéticas, quanto como o próprio estoque imagético, a coleção de imagens, de representações ou, indo mais além, como conjunto de simulações que atestam rupturas com o referente. Brissac Peixoto (1987) refere-se à *imagerie* como sendo parte de um processo de ficcionalização imagética do real, como conversão do real em paisagem, em figuras de ficção: “conversão de todas as coisas num cinematismo de imagens espectrais” (Brissac Peixoto, 1987:7).

(FAZER FECHAMENTO)

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. A troca simbólica e a morte. Vol. I e II. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BAUER, MARTIN e GASKELL, G. (org.). Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático /. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo; OLIVEIRA, Rita Alves et alli. (2007). *Viver e morrer na metrópole. Jovens, experiências urbanas, nomadismos*. 2007 (livro no prelo).
- CANCLINI, Néstor G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.
- CANEVACCI, Massimo. Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos metrópoles. Rio de Janeiro. Editora: DP&A. 2005.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- CHESNAIS, Jean-Claude (1981). *Histoire de la violence*. Paris, Robert Lafond, 1982.
- CYRULNIK, Boris. Os alimentos do afeto. São Paulo: Ática, 1995.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação. São Paulo: Conrad, 2003.
- FREIRE COSTA, Jurandir (1993). "O medo social". *Veja 25 anos: reflexões para o futuro*. São Paulo, Abril, 1993, pp. 83-9.
- IMBERT, Gerard (1994). "Representación de la violencia/violencia de la representación en el tratamiento del tema de la droga". *Comunicação & Política*, v. 1, nº 2 ("Mídia, drogas e criminalidade"). Rio de Janeiro, Ed. Cebela, dezembro 1994/março 1995, pp. 201-206.
- JEUDY, Henri Pierre (1994). "Pesquisador dos processos midiáticos". In: RAMOS, Sílvia (org.). *Seminário Mídia & Violência Urbana. Relatos*. Rio de Janeiro, FAPERJ, 1994, pp. 67-78.
- LYOTARD, Jean-François (1993). *Moralidades pós-modernas*. Campinas, Papirus, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- MICHAUD, Yves (1986). *A violência*. São Paulo, Ática, 1989.
- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 8ª edição, 2005.
- _____. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - Neurose. Vol. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- _____. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - Necrose. Vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- _____. O cinema ou o homem imaginário. Lisboa: Relógio d'Água Editora, 1997.
- ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo. *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. Tese de doutoramento. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1998.
- SÁ, Simone Pereira (2008). "Som de preto, de proibidão e tchuchucas: o Rio de Janeiro nas pistas do funk carioca". (no prelo)
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- VENTURA, Zuenir (1994). *Cidade partida*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

WACQUANT, L  ic (1996). "Violence, corps et science: Remarques transatlantiques" (entrevista). *Pr  tentaine*, n   5 ("Philosophie et postmodernit  "), maio de 1996, pp. 211-221.

WITTNER, Laurette (1992). "De l'image de violence    la violence de l'image". *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n   54 ("Violence dans les villes"). Paris, Minist  re de l'  quipement, du Logement et des Transports, mar  o de 1992, pp. 53-59.

ZALUAR, Alba (1994). *Condom  nio do diabo*. Rio de Janeiro, Revan/Ed. UFRJ, 1994.